

# Moradia é sonho vendido há 30 anos

**Vânia Rodrigues**

Nos 30 anos de Brasília, completados hoje, o procedimento adotado pelos governos para remover invasões sempre foi o mesmo. As famílias residentes em favelas são transferidas para uma área, geralmente distante do Plano Piloto, antes mesmo que o local tenha infraestrutura. Quem afirma é a pioneira Zedite Soares, 65 anos, que, mesmo sem formação universitária em Serviço Social, trabalhou como assistente social na remoção da primeira invasão da capital.

"Foi uma tarefa difícil a de vender sonhos, pois aqueles invasores não tinham qualquer garantia de que depois da remoção não seriam esquecidos pelo governo", lembra Zedite. Em 1958, ela trabalhava na prefeitura do Núcleo Bandeirante, e foi escolhida para fazer a operação convencimento. "Era exatamente como eles fazem hoje: algumas pessoas ficam encarregadas de fazer as fichas das famílias e outros ficam com a tarefa mais difícil, que é a de convencer os moradores a se mudarem", ressalta.

Zedite conta também que o perfil dos invasores não mudou nestes 30 anos. "Eles normalmente vêm do Nordeste, cheios de ilusões com a capital. Têm vários filhos e não sabem exatamente o que querem".

## Pioneira usava capa branca

A capa branca era a vestimenta obrigatória da piauiense de Luiziândia, Zedite Soares da Silva, que chegou em Brasília dois anos antes da sua inauguração. Conhecida pelos pioneiros, operários, engenheiros e autoridades — como a "doutora", mesmo tendo formação universitária só em Farmácia, Zedite fez de tudo um pouco no início da construção da capital. Ela foi médica, farmacêutica, assistente social, conselheira e até ajudou na remoção da zona de meritício da Placa da Mercedes, no Núcleo Bandeirante.

Zedite conta que a capa branca era a sua arma, e vestida com ela a "doutora" não temia quando, altas madrugadas, tinha que ir a um canteiro de obra medicar os operá-

Zedite enfatiza que já naquela época os invasores permaneciam por pouco tempo no assentamento. Eles vendiam ou abandonavam o lote para se mudarem novamente para o Nordeste ou então retorna-

vam para perto do Núcleo Bandeirante.

### Violência

A violência ocorrida em algumas remoções, na década de 80, como a da invasão da 110 Norte e a do Paranoá, onde a polícia usava força para retirar as famílias do barraco, também aconteceu no início de Brasília. "Nunca vou esquecer dos gritos de uma senhora que estava em trabalho de parto exatamente na hora que os policiais tentavam desmanchar o seu barraco", conta Zedite, que teve que brigar com o policial para impedir a demolição do barraco, pelo menos até que a gestante fosse transferida para uma unidade médica.

Rios que estavam doentes. "Eu era respeitada e por isso não temia", afirma a pioneira. Zedite foi a principal responsável pelo convencimento das 800 famílias invasoras do Núcleo Bandeirante a se mudarem para o cerrado que hoje é Taguatinga.

Porém a tarefa mais difícil, segundo conta, foi combater a prostituição no Núcleo Bandeirante. "Nesta missão só a minha capa branca não era suficiente. Era preciso a presença de um policial para ir na frente avisar que a "doutora" estava vindo para conversar com as mulheres que moraram ali". Zedite ressalta, entretanto, que o saldo do seu trabalho foi positivo e gratificante.

Para Zedite porém, a violência daquela época até poderia ser explicada. "Eramos apenas quatro assistentes sociais para fazer as fichas e convencer 800 famílias que moravam próximas ao Núcleo Bandeirante a se mudarem para um cerrado que hoje se transformou em Taguatinga, sem qualquer perspectiva.